

# Carta a Vera Zasoulitch<sup>1</sup>

Friedrich Engels\*

Cara cidadã!

Ainda lhe devo resposta à sua carta de 14 de fevereiro. Exponho-lhe as causas do atraso que, certamente, não se deve à minha preguiça.

Você pede minha opinião sobre o livro de Plekhanov, *Наша Разногласия*<sup>2</sup>. Para isso, é preciso ter lido o livro; e eu leio em russo com facilidade quando me ocupo disso por uma semana. Porém faz semestres inteiros que isto é impossível para mim. Então, perco o hábito desta leitura e sou obrigado, por assim dizer, a aprender de novo. Isto me aconteceu com as *Разногласия*<sup>3</sup>. Todo o meu dia é tomado pelos manuscritos de Marx, que dito a um secretário; à noite, chega muita gente e, afinal, não posso mandá-las embora; existem provas gráficas a serem lidas, muita correspondência a manter e, enfim, as traduções (italiana, dinamarquesa etc.) de meu *Ursprung*<sup>4</sup> etc., que

---

<sup>1</sup> Escrita em francês, esta carta, além de sua imensa importância teórico-política, é um documento fundamental para o conhecimento do estilo de trabalho realizado por Engels após a morte de Marx. In: Marx, K. e Engels, F. (1976: 395-397). Vera Zasoulitch, ex-participante do movimento “populista” russo (narodnik), fundou, em 1883, juntamente com Plekhanov e Axelrod, o grupo marxista Emancipação do Trabalho. Tradução de Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e pesquisador do NEILS – Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais. Agradecemos aos professores João Quartim, que nos tornou acessível a leitura do texto em francês, Eron de Almeida, que traduziu para o português o texto em alemão, e Fátima Bianchi, que nos socorreu na leitura de expressões em russo. Também consultamos a tradução inglesa (1995: 279-281), bem como a que, a partir deste idioma, se realizou para o português (Fernandes, 1982: 201-203). Apenas o autor da presente tradução é responsável pelos equívocos remanescentes.

\* Autor de diversos livros, dentre os quais *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* e, juntamente com Karl Marx, com quem formulou as principais teses acerca do materialismo histórico, *A ideologia alemã*, *A Sagrada Família* e *Manifesto do Partido Comunista*.

<sup>2</sup> *Nossas diferenças*. Engels escreve o título do livro em russo (n. t.).

<sup>3</sup> Aqui e abaixo, no mesmo parágrafo, o título do livro de Plekhanov está escrito de forma abreviada.

<sup>4</sup> Engels refere-se à *Origem da família, da propriedade privada e do Estado* (n. t.).

me pedem para revisar e cuja revisão às vezes não é nem supérflua nem fácil. Pois bem, todas estas interrupções me impediram de ir além da sexagésima página das *Разногласия*. Se me sobrassem três dias, o caso estaria resolvido e eu ainda renovaria meu conhecimento do russo.

Entretanto, penso que o pouco que li é suficiente para que eu me coloque mais ou menos a par do debate.

Em primeiro lugar, reafirmo que estou orgulhoso por saber que existe, na juventude russa, um partido que aceita abertamente e sem ambigüidades as grandes teorias econômicas e históricas de Marx e que rompeu abertamente com todas as tradições anarquistas e, mesmo que apenas um pouco, as eslavófilas de seus predecessores. O próprio Marx também estaria orgulhoso caso tivesse vivido um pouco mais. É um progresso que será de grande importância para o desenvolvimento revolucionário da Rússia. A teoria histórica de Marx é, para mim, a condição fundamental de toda tática revolucionária *congruente* e *conseqüente*; para descobrir esta tática, só é preciso aplicar a teoria às condições econômicas e políticas do país em questão.

Mas, para isto, é preciso conhecer essas condições; e, quanto a mim, sou demasiado ignorante a respeito da atual situação da Rússia para me arrogar a competência de julgar sobre detalhes da tática exigida naquele país em um dado momento. Além disso, toda a história interna e íntima do partido revolucionário russo, sobretudo a dos últimos anos, me é quase inteiramente desconhecida. Os amigos que tenho entre os Narodnovóliets<sup>5</sup> nunca me falaram dela. E este é um elemento indispensável para se formar uma opinião.

O que sei ou creio saber sobre a situação da Rússia me leva à opinião de que ela se aproxima de seu 1789. A revolução *deve* estourar em um determinado tempo; ela *pode* estourar em qualquer dia. Nestas condições, o país é como uma bomba carregada onde basta acender o pavio. Sobretudo depois de 13 de março<sup>6</sup>. Eis um dos casos

---

<sup>5</sup> Participantes da organização Narodnaia Vólia (Vontade do Povo).

<sup>6</sup> Engels refere-se ao assassinado do Czar Alexandre II, em 1881, por militantes do Narodnaia Vólia.

excepcionais em que é possível para um punhado de homens *fazer* uma revolução; isto é, com um pequeno empurrão, fazer com que desmorone todo um sistema em equilíbrio mais que instável (para usar a metáfora de Plekhanov) e liberar, por meio de um ato em si mesmo insignificante, forças explosivas e até indomáveis. Se, em algum momento, o blanquismo – a fantasia de solapar toda uma sociedade por meio de uma pequena conspiração teve uma certa razão de ser, este é, com certeza, o caso de São Petersburgo. Uma vez que o fogo atingiu a pólvora, que as forças se libertaram, que a energia nacional se transformou de potencial em cinética (ainda uma imagem favorita e muito boa de Plekhanov) – os homens que acenderam o pavio serão arrebatados pela explosão que será mil vezes mais forte do que eles e que buscará sua saída como puder, como as forças e as resistências econômicas decidirão.

Suponhamos que estes homens se imaginem capazes de tomar o poder. O que importa? Assim que abrirem o buraco que romperá o dique, a própria correnteza tragará suas ilusões. Mas se, por acaso, essas ilusões lhes proporcionarem uma força de vontade superior, porque temê-la? As pessoas que se vangloriaram de ter *feito* uma revolução, sempre descobriram, no dia seguinte, que não sabiam, absolutamente, o que faziam; que a revolução *feita* em nada se parecia com a que quiseram fazer. É o que Hegel chama de ironia da história, ironia da qual poucos *Дейтели*<sup>7</sup> históricos escapam. Veja os casos de Bismarck, o revolucionário apesar dele mesmo, e de Gladstone, que terminou por se desentender com seu adorado Czar.

Para mim, o importante é que o impulso seja dado na Rússia, que estoure a revolução. Se esta ou aquela fração der o sinal, com esta ou aquela bandeira, pouco me importa. Se for uma conspiração palaciana – o dia seguinte a varrerá. Onde a situação é tão tensa, onde os elementos revolucionários se acumularam em um tal grau, onde a situação econômica da imensa massa do povo se torna a cada dia mais impossível, onde todos os graus do desenvolvimento social estão

---

<sup>7</sup> Engels escreve em alfabeto russo: *диéiatieli* (personagens políticos).

representados, desde a comuna primitiva até a grande indústria e a alta finança modernas, e onde todas estas contradições são violentamente contidas por um despotismo sem igual, despotismo cada vez mais insuportável para uma juventude que reúne em si a inteligência e a dignidade nacionais, uma vez desencadeado o 1789, o 1793 não tardará a segui-lo.

Paro aqui, cara cidadã. São duas e meia da madrugada e amanhã não poderei acrescentar mais nada antes que o correio parta. Se preferir, escreva-me em russo, mas não se esqueça de que não é todo dia que leio caracteres *escritos* em russo.

Com toda a devoção,

F. Engels.

Londres, 23 de abril de 1885.

### **Bibliografia consultada para a tradução**

- MARX, K.; ENGELS, F. (1976). *Correspondance*, Moscou: Éditions du Progrès.  
\_\_\_\_\_ (1995). *Collected Works*. Moscou, Progress Publishing Group Corporation; Londres: Lawrence & Wishart; e New York: International Publishers.  
FERNANDES, R. C. (1982). *Dilemas do socialismo: a controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.